

são de trabalho; aquele é esforço de alguns, que pode ser repetido adiante, este é empresa. Nos fins do século XIX estava se tornando evidente, assim, a mudança na imprensa brasileira: a imprensa artesanal estava sendo substituída pela imprensa industrial. A imprensa brasileira aproximava-se, pouco a pouco, dos padrões e das características peculiares a uma sociedade burguesa.

Em 1892, o *Jornal do Brasil* teve problemas internos: Villeneuve desejava a defesa clara da monarquia; Ulisses Viana, que se opunha a isso, deixou a folha, substituído por Constâncio Alves. A questão não era de somenos, visto que estavam em jogo “interesses avultados”. A 21 de março, aparece o manifesto antiflorianista dos generais; os signatários são imediatamente transferidos para a reserva. O clima era de tormenta. No *Combate*, de Pardal Mallet, Patrocínio vociferava: “Sangue, mais sangue. É preciso que o sr. Floriano beba. Os anêmicos dão-se bem na atmosfera dos matadouros, e o Brasil é um boi manso, que tanto serve para tirar a zorra do trabalho, como para nutrir tiranos”. A 10 de abril, irrompe um motim na capital; no dia seguinte, depois de dominá-lo, o governo começa a prender militares, jornalistas, intelectuais, políticos. Luís Murat, com as imunidades de deputado, assume a direção do *Combate*; Pardal Mallet, Bilac, Patrocínio estavam presos. Patrocínio será confinado em Cucuí; Mallet, em Tabatinga; Bilac permanecerá cinco meses na fortaleza da Laje. Nesse turbulento mês de abril, passa o *Jornal do Brasil* à propriedade de uma sociedade anônima e Ulisses Viana volta à direção. Entre os sócios, significativamente, estavam grandes titulares do Império, que a Coroa havia enobrecido: os condes de Figueiredo, de Sebastião Pinto, os viscondes de São Francisco e de Ferreira de Almeida, os barões de Quartim, de Sousa Lima, de Ibiapaba, de Drumond, de Ibirocaí, os conselheiros Manuel Pinto de Sousa Dantas, Paulino José Soares de Sousa, João Alfredo Correia de Oliveira, Diogo Silva, Rodolfo Dantas, Luís Filipe de Sousa Leão, Estevão José da Silva, Augusto Olímpio Gomes de Castro, Balduino José Coelho e Jerônimo Sodré, e mais comendadores, etc., etc. A reunião dessa sociedade anônima pareceria um sarau no Paço.

Foi por essa altura que entrou para a redação Felisberto Freire. O jornal proclamava-se apartidário. A 1º de abril, noticiava com cuidado o motim da véspera. Tinha agora quatro páginas apenas. Cheias, aliás, de boa colaboração, contando com a do Rio Branco, a de Nabuco (sob pseudônimo), a de Martins Júnior, a de Teixeira Bastos, a de Gomes Leal, e de duas figuras de relevo internacional: Alphonse Daudet e Eça de Queiroz, que escrevia as “Notas Contemporâneas”. O jornal combatia a idéia da interiorização da capital e chamava a atenção para a “Questão Social”,